

# EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA TEMÁTICA AMBIENTAL

**Aisllan Damacena Souza da Silva**

*Universidade do Estado da Bahia – DCH V*

*aisllan1@hotmail.com*

**Resumo:** O presente texto visa explicar como se desenvolveu a oficina de estágio nos espaços não escolares que ocorreu no Povoado Amoras, município de Conceição do Almeida/BA, a partir da temática transversal ambiental. A escolha por essa abordagem durante a oficina partiu de leituras sobre a Geografia Urbana, a Educação Ambiental, a Carta do Milênio (2000) e o texto base da Campanha da Fraternidade que em 2016 nos convidou de forma ecumênica a refletir sobre nossas ações para o meio ambiente no qual estamos cotidianamente inseridos. Este texto inicialmente traz uma explanação sobre a educação não escolar, seguido de sugestões sobre linguagens geográficas para se trabalhar com a temática ambiental e por último, os resultados finais da oficina em espaços não formais no Povoado Amoras.

**Palavras-chave:** Educação. Espaços não escolares. Ambiental. Campanha da Fraternidade. Povoado Amoras.

## **Introdução**

Percebe-se que a cidade como conteúdo didático deveria ser bem mais trabalhado a partir de novas metodologias, principalmente nas aulas de Geografia, por levar em consideração a relação homem/espço/natureza, seus lugares, cotidianos, vivências e experiências.

Sabendo da importância desse estudo, sentiu-se a necessidade de propor essa discussão acerca das transformações ocorridas nas paisagens do campo para o público alvo do estágio em espaços não formais, onde de maneira dinâmica, atrativa e satisfatória a partir do tema da campanha da Fraternidade Ecumênica 2016 “Casa comum, nossa responsabilidade”, foi discutida inúmeras maneiras para contribuir com o meio ambiente.

A escolha por essa abordagem durante a oficina de estágio nos espaços não formais partiu de leituras sobre a geografia urbana, a educação ambiental, a carta do milênio (2000) e o texto base da Campanha da Fraternidade - que esse ano (2016) nos convida de forma ecumênica a refletir sobre nossas ações para o meio ambiente no qual estamos cotidianamente inseridos-, as leituras trazem singularidades entre si, entre elas a preocupação e a necessidade da manutenção da planta (casa comum) para as futuras gerações.

Este texto inicialmente traz uma explanação sobre a educação não formal, logo em seguida, sugestões de linguagens geográficas para se trabalhar com a temática transversal ambiental e por último, os resultados finais da oficina em espaços não formais no Povoado Amoras, município de Conceição do Almeida/BA.

Vale destacar que a ação em espaço não escolar na área rural de Conceição do Almeida sobre a temática ambiental ajudou com certeza na construção de um futuro sustentável para o local onde ocorreu a ação; criou e fortaleceu espaços de debate sobre os problemas sociais e ambientais da comunidade, além de perceber como eles se relaciona com o mundo; incentivou os moradores da localidade a se empenhar na solução dos problemas sociais e ambientais e colaborou com as discussões trazidas pela Campanha da Fraternidade 2016.

### **Educação nos espaços não escolares**

Segundo Gohn (2006, p. 3) a educação não escolar é aquela que se aprende fora da escola, em espaços de ações coletivas e cotidianas, e que tem como objetivo “a transmissão de informação e formação política e sócio cultural [...] Ela prepara os cidadãos, educa o ser humano”.

Concordamos com Terezinha Rios (2000) ao dizer que esse tipo de educação deve ser considerado como de qualidade, pois a educação não formal cria chances variadas para a formação do indivíduo.

O ensino da melhor qualidade é aquele que cria condições para a formação de alguém que sabe ler, escrever e contar. Ler não apenas as cartilhas, mas os sinais do mundo, a cultura de seu tempo. Escrever não apenas nos cadernos, mas no contexto de que participa, deixando seus sinais, seus símbolos. Contar não apenas números, mas sua história, espalhar sua palavra, falar de si e dos outros. Contar e cantar nas expressões artísticas, nas manifestações religiosas, nas múltiplas e diversificadas investigações científicas. (RIOS, 2000, s/p)

Assim, nota-se que a discussão do ensino em espaços não escolares é de extrema importância, pois pode despertar um maior interesse dos participantes por ser em um ambiente diferente (igrejas, hospitais, associações de bairros e moradores, grupos religiosos, penitenciárias, grupos com idades diferentes, de profissões e organizações diversas etc) dos espaços escolares, nesse sentido, despertando no público

a importância do coletivo e das suas ações enquanto sujeitos políticos, através de atividades (músicas, contos, artes, histórias orais) que envolvem seu lugar de vivência, o que contribui bastante para o desenvolvimento das discussões, as quais não ficam restringidas somente aos livros e cadernos.

Ligado a isto, o objetivo da geografia é também fazer os sujeitos se perceberem enquanto agente participante do espaço estudado, e não há maneira melhor de compreender os cotidianos, vivências e experiências a não serem a partir das cidades, seus lugares e cotidianos.

Ao longo deste texto serão apontados elementos que evidenciam que a oficina de estágio desenvolvida no Povoado Amoras, em Conceição do Almeida/BA consistiu em um processo de ensino não escolar. Mas, antes, vamos entender algumas linguagens geográficas que podem ser aplicadas em um espaço de caráter não escolar.

### **Meio Ambiente, Linguagens Geográficas e Espaço não escolar**

São muitos os exemplos de metodologias que podem ser traçadas a partir da vertente ambiental da geografia em espaços não escolares, destaca-se, o estudo da paisagem por meio da literatura regional/local.

Para Teixeira (2008, p. 5):

[...] a literatura tem sido utilizada, embora timidamente, por geógrafos para empreenderem análises espaciais desde o início do século XX, por ser um meio eficaz de investigação, que relata em diferentes escalas os lugares, o cotidiano, a paisagem, o mundo vivido. Por isso a literatura pode ser um meio eficaz de investigação para os geógrafos e um excelente recurso para o ensino de geografia.

No entanto a literatura tem sido apontada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais como possibilidade interdisciplinar com a Geografia. De acordo com Brasil (1998, p. 34) “é possível aprender Geografia a partir da leitura de autores consagrados de nossa literatura”.

Na música também a leitura da paisagem, do meio ambiente expressa à pluralidade, e “o professor não deve perder a oportunidade de trabalhar as canções que tratam do cuidado com o meio ambiente” (BRASIL, 1998, p. 34).

A utilização de mídias em sala de aula vem se configurando em uma alternativa didática pedagógica. Dentre as várias possibilidades

mediáticas, destaca-se a utilização da música em sala de aula, haja vista a variedade de gêneros musicais, a facilidade de acesso às letras, bem como o fato de que dificilmente se encontrará alguém que não goste de música. Favorecendo, com isso, uma aproximação maior do aluno com os conteúdos trabalhados, principalmente se a música escolhida apresentar elementos comuns ao cotidiano destes (PEREIRA, 2012, p. 137).

Sendo assim, o uso de músicas que retratam a realidade vivida dos alunos pode propiciar, além de um melhor entendimento dos conteúdos, uma valorização dos elementos materiais e imateriais que compõe a região ou o lugar onde mora.

Uma das vantagens de se utilizar a música na Geografia se afirma na pluralidade de assuntos abordados por esta ciência. Violência, guerras, conflitos raciais, cultura, fome, falta de infraestrutura nas cidades, belezas naturais, como também degradação ao meio ambiente, fazem parte dos temas abordados por muitos compositores [...]. (PINHEIRO, 2004, p. 104)

São muitos os assuntos da geografia, principalmente os que tratam da atualidade, que podem ser abordados em músicas dos mais diversos compositores.

Outra linguagem de grande relevância para a Geografia e pra se trabalhar com meio ambiente é o uso das fotografias, charges, *tirinhas*, *historinhas em quadrinhos*, essa linguagem de acordo com Brasil (1997, p. 122) objetiva “fazer leituras de imagens, de dados e de documentos de diferentes fontes de informações sobre o espaço geográfico e as diferentes paisagens”. A partir das imagens pode-se compreender o equilíbrio ecológico, críticas favoráveis à natureza, dicas de educação ambiental, etc.

Portanto, de acordo com Araujo (2012) é relevante a presença de imagens no ensino de Geografia, como um recurso didático e diferenciado, auxiliando o professor em suas aulas, contribuindo assim para melhoria no processo de ensino/aprendizagem e na formação de uma sociedade mais comprometida com os acontecimentos históricos, políticos, econômicos, ambientais, entre outros.

Uma última potencialidade para discutir meio ambiente sob ótica geográfica no contexto local é o trabalho/aula de campo tendo em base a cidade/município como uma produção coletiva de inúmeros sujeitos sociais, sendo assim “o desenho urbano é um reflexo não só da dinâmica política e socioeconômica como também é produto e reproduz o contexto cultural no qual está inserido”. (CASTRO, 2013, p. 142)

Uma atividade de campo serve exatamente para destacar aspectos poucos vistos ou quase nunca problematizados por um simples passante. Para isso deve-se pedir que o estudante observe, registre, desenhe, grave, fotografe itinerários e pontos da cidade para posteriormente o professor orientar pontos específicos e situações específicas para observação/registro. (CASTRO, 2013, p. 142)

As aulas de campo possibilitam ao aluno o desenvolvimento de diversas habilidades, tais como observar e analisar as paisagens, estabelecendo, de forma prática, o estímulo a pesquisa, além de possibilitar ao estudante aproximar o conteúdo e o conhecimento desenvolvido na escola com o espaço que o mesmo está habituado.

[...] A aula de campo é uma atividade extra-sala/extra-escola que envolve concomitantemente, conteúdos escolares, científicos (ou não) e sociais com a modalidade de espacial; realidade social e seu complexo aglomerado material e imaterial de tradições/novidades. É um movimento que tende elucidar sensações de estranheza, identidade, feiúra, beleza, sentimento e até rebeldia do que é observado, entrevistado, fotografado e percorrido. (OLIVEIRA; ASSIS, 2009, p. 196)

A contribuição que a aula de campo traz para o trabalho docente e para o entendimento dos conteúdos por parte dos estudantes, deixa claro que essa prática deveria ser mais utilizada nos espaços educacionais para expandir a valorização da geografia na sala de aula, bem como o conhecimento geográfico.

A partir daqui, somos convidados a entender como se deu a oficina em um espaço não escolar intitulada “CASA COMUM, NOSSA RESPONSABILIDADE”, a fim de contribuir juntamente com as diversas linguagens geográficas para as discussões ambientais que constantemente são inclusas em nossos espaços de vivência e na atualidade.

Vale destacar que o tema da oficina foi o mesmo tema que foi adotado durante a campanha da fraternidade ecumênica 2016, movimento organizado pela igreja católica e outras instituições religiosas durante o período quaresmal.

### **Refletindo a partir da educação em espaços não escolares: ação no Povoado Amoras**

Os encontros foram realizados na capela da comunidade (capela São Cosme e Damião) com o intuito de desenvolver por parte desse público alvo (participantes da oficina) a sensibilidade sobre a problemática ambiental, proporcionando-lhes a

compreensão das dificuldades dessa temática, sua evolução, seu estado atual e as ações possíveis, levando cada um a sentir-se protagonista na busca de soluções para o seu cotidiano e suas vivências na sua comunidade, além de salientar que independente da idade, ou grau de escolaridade, todos são peças fundamentais para o controle do meio ambiente.

Salientando que foi uma ação/oficina sustentada sobre o conceito da pesquisa ação, a qual,

[...] propõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional, técnico entre outros. A sua utilização como forma metodológica possibilita aos participantes condições de investigar sua própria prática de uma forma crítica e reflexiva. Nela estão envolvidos pesquisadores e pesquisados e todos estão envolvidos na solução de problemas e na busca de estratégias que visam encontrar soluções para os problemas. (OLIVEIRA, 2013).

Buscando o diálogo com o público alvo, de maneira bastante lúdica e criativa se deu a realização da oficina, que foi dividida em cinco ciclos.

O primeiro o contato (05/05/16) com a turma de forma bastante leve e descontraída, todos se apresentaram numa dinâmica onde diziam seus nomes iniciais e em seguida atribuía-lhe um gesto, o qual era repetido por todo o grupo, após esse momento, por meio da exposição de charges sobre o desequilíbrio ambiental foram apresentados alguns questionamentos sobre como amenizar e colaborar com o meio ambiente. No primeiro encontro fomos além e discutimos assuntos voltados a Geografia da Saúde, a exemplo, a espacialidade da dengue em nossos espaços de vivência.

No segundo encontro (12/04/16) refletiu-se sobre as transformações do rural e a inserção do turismo nesses espaços, onde por meio de uma aula de campo bastante lúdica e humorada percorreu-se a área que foi roteirada no plano de atividade, dentre o lugares visitados, a Fazenda Amoras, espacialidade de grande potencial turístico para o povoado e a antiga fonte, que hoje se encontra em ruínas, onde foi discutida a identidade e o sentimento de pertencimento dos moradores ao local em que vivem, resumindo, foi discutido o espaço geográfico e a relação homem x natureza.

No terceiro encontro (19/04/16) foram abordadas as consequências do desequilíbrio ambiental, onde por meio de curtos vídeos e das músicas “Xote Ecológico” de Luiz Gonzaga, “Sobradinho”, de Sá e Guarabira, e “Sal da Terra”, de Beto Guedes, os alunos desenvolveram dois grandes painéis para ser apresentado no

pátio da escola, nesses cartazes constavam as causas e efeitos causados pelo desmatamento no cotidiano.

No quarto encontro (26/04/16) foi discutido tudo sobre a coleta seletiva, a partir de dinâmicas que envolviam as cores da coleta, discutimos sobre a importância da reciclagem e fomos pra prática construir a nossa coleta seletiva rural. Destacando que no Povoado não existe um sistema de recolhimento para o lixo, nesse dia os envolvidos com a oficina tomaram a decisão de ir em busca de uma solução para esse problema.

Os resultados de tudo o que foi feito e discutido no espaço não escolar sobre o tema da campanha da fraternidade 2016, CASA COMUM, NOSSA RESPONSABILIDADE, foram expostos no ultimo encontro para toda a comunidade no local onde foi desenvolvida a oficina, cartazes, músicas, coleta seletiva, enfim, no dia 03/05/16 iniciamos o encontro lendo a carta da terra, marco escrito na virada do milênio (1999 – 2000), onde no texto já se nota a preocupação que havia naquela época com o futuro do planeta. Em seguida plantamos mudas de plantas para ficar sobre o cuidado e até mesmo como uma lembrança da oficina, e logo após partimos pra uma celebração final.

Assim, podemos constatar que os resultados a partir da avaliação dos envolvidos/oficineiros foram de saldo bastante positivo, vejamos:

*Muito bom, nunca passei por uma experiência dessas! É uma pena que vai acabar!* (Dona Elza, 60 anos)

*É um aprendizado, a gente veio, participou e já estávamos engajados com o tema, por discutir aqui na igreja. Vocês trouxeram o conhecimento de vocês, a gente trouxe o nosso e aí deu tudo certo!* (Dona Linda)

*Eu achei muito interessante, né? Tinha coisa que eu mesmo nunca tinha visto, ou que vi há muito tempo atrás.* (Mare)

*Uma experiência nova, um aprendizado diferente, a gente nunca aprende tudo e cada dia aprendemos mais, foi maravilhoso.* (Márcia Crispina, 45 anos)

*A gente aprendeu mais, criamos mais amadurecimento sobre o tema da Campanha da Fraternidade, e eu gostei muito de aprender um pouco mais com vocês.* (Maurina, 50 anos)

*Foi muito boa, muito proveitoso esses dias que passamos juntos”.* (Maria Ribeiro, 63 anos)

*É muito bom pra gente, muito gratificante, nos trouxe alegria e irá fazer falta.* (Elza Maria, 59 anos)

É interessante pontuar que a oficina realizada no Povoado Amoras foi transformada em outra linguagem geográfica, no caso, em uma espécie de jornal (GeoNotícias), meio informativo com várias discussões ambientais e notícias sobre o desenvolvimento da oficina.

### **Reflexões finais**

A partir de tudo que foi mencionado nessas últimas páginas, cumpre ressaltar a importância do Estágio em espaços não escolares, esse que sem dúvidas é de extrema importância para a formação do Geógrafo, profissional que desbrava tantos espaços, pois como Terezinha Rios (2000) já falou acima, é nesse momento em que os saberes tradicionais, saberes que foram adquiridos ao longo da vida são (re) trazidos nas cirandas de discussões. Ressaltando que o público alvo do Estágio no Povoado Amoras foram mulheres de 40 a 60 anos.

Então, é de extremo louvor trazer aqui nessas linhas que a fala de Terezinha Rios cai “como uma luva” para o público escolhido, esse que – em sua maioria, sem estudos – trazia uma enorme bagagem de conhecimentos para nós – ministrantes das oficinas – e que eram compartilhados com todos os participantes.

Vale também trazer aqui nessas reflexões a atividade de plantação das sementes realizada no último encontro, onde cada semente plantada significou o futuro do planeta, já o cuidado para que essa semente cresça e se reproduza são as ações [boas e pensantes no futuro] que serão desenvolvidas pelosicineiros, representando então, um mundo baseado na *integridade ecologia*, um dos princípios da Carta da Terra.

O que agrada é saber que a ação no Povoado Amoras foi encerrada, porém, essas 20 horas foi apenas um pontapé inicial, pois já nos foi confirmado pelos envolvidos na oficina às articulações para repassar aos outros amigos e vizinhos que não participaram da Oficina Casa Comum, o que foi visto e aprendido.

### **Referências**

ARAÚJO, Felipe Rodrigues de. **Uso de imagem no processo ensino/aprendizagem em geografia na Escola Estadual de Ensino Fundamental Castro Pinto.** Jacaraú-PB. Guarabira/ Paraíba: UEPB, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais e ética.** – Brasília: MEC / SEF, 2ª Edição, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Geografia.** – Brasília: MEC / SEF, 1998.

CALLAI, Helena Copetti. A Geografia Escolar – E os conteúdos da Geografia. In: **Revista Virtual** – Geografia, Cultura e Educación, nº 1, 2011

CASTRO, Janio Roque Barros de. Cultura, cidade e ensino de Geografia: proposições a partir de itinerários urbanos no Recôncavo Baiano. In: AQUINO, Maria Sacramento.; MENEZES, Jaci Maria Ferraz de. SANTANA, Elizabete Conceição. (Org.). **Educação, região e territórios: formas de inclusão e exclusão.** Salvador: Edufba, 2013.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino.** – Goiânia: Alternativa, 2002.

CORDEIRO, Joel Maciel Pereira. Oliveira, Aldo Gonçalves de. A aula de campo em geografia e suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem na escola. **Geografia (Londrina)**, Londrina, v. 20, n, 2, mai/ago. 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia>> Acesso em março 2016.

DIAZ, P. A. **Educação ambiental como projeto.** 2. ed. Porto alegre, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis.** São Paulo: UNESP, 2001.

KAERCHER, Nestor André. **Desafios e Utopias no Ensino de Geografia.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1997.

OLIVEIRA, Cristian Dennys Monteiro de. ASSIS, Raimundo Jucier Souza de. Travessias da aula de campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fabula. In: **Educação e Pesquisa.** São Paulo, v. 35, n. 1. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em março 2016.

OLIVEIRA. Emanuelle. **Pesquisa-ação.** 2013. Disponível em <<http://www.infoescola.com/pedagogia/pesquisa-acao/>>, Acesso em maio 2016.

PEREIRA, Suellen Silva. A música no ensino de geografia: abordagem lúdica do semiárido nordestino – uma proposta didático-pedagógica. **Geografia Ensino & Pesquisa**, vol. 16, n. 3, set./ dez. 2012.

PINHEIRO, E. A. O nordeste brasileiro nas músicas de Luiz Gonzaga. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v.14, n. 23, 2º sem/2004.

RIOS, Terezinha Azeredo. **Compreender e Ensinar.** Ed. Contemporânea, 2000.

TEIXEIRA, Ana Lúcia **O Cortiço e a Organização Espacial do Rio de Janeiro nas Últimas Décadas do Século XIX.** In: Anais do I Congresso de Historia do Pensamento Geográfico. Universidade Federal de Uberlândia: Uberlândia/MG, abril, 2008.